

A *Revista Arteriais* inicia suas atividades de 2026 com a presente edição (volume 12, número 23) organizada em duas partes: a primeira é composta por artigos do dossiê temático *Criações e Vidas Multiespécies em Tempos de Catástrofes - Parte I*; a segunda reúne artigos na seção Fluxo Contínuo.

O dossiê temático *Criações e Vidas Multiespécies em Tempos de Catástrofes*, organizado por Susana Oliveira Dias, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Tiago Amaral Sales, professor da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), recebeu trinta e seis submissões, das quais foram aprovadas vinte e oito textos divididos entre artigos, ensaio, ensaios visuais e portfólio. A partir desse universo, resolvemos organizar as produções do dossiê temático em dois números.

A primeira parte do dossiê temático é composta por um portfólio, quatorze artigos e um ensaio visual. Segundo os organizadores, as produções dialogam com o propósito de “pensar, sentir, viver as alianças com seres mais que humanos (rios, montanhas, pedras, plantas, animais, fungos, coisas...), a dar a ver e escutar como essas alianças têm sido potentes para os nossos processos criativos”. Nesse sentido, Susana Oliveira Dias e Tiago Amaral

Sales informam que as produções atendem os objetivos da proposta, ao abordarem “práticas artísticas em suas interfaces inter/transdisciplinares que se anunciassem como viáveis em nossas vivências multiespécies”.

Na seção Fluxo Contínuo, reunimos três artigos. Alexander Barbozza da Silva abre a seção com o texto CAMINHOS QUE SE ABREM NOS ANOS DE 1970: ALBERTO RIBAS E A DANÇA NA EDUCAÇÃO NO RIO DE JANEIRO, propondo “uma análise cartográfica das pistas traçadas pelas ações do argentino Alberto Ribas, na década de 1970, no Rio de Janeiro, que contribuíram para o debate sobre a inserção da Dança na Educação Básica”. Em seguida, o artigo CORPOS, SABERES, FAZERES NEGROS: REFLEXÕES SOBRE RACISMO, BRANQUITUDE E O AMBIENTE INSTITUCIONALIZADO DAS DANÇAS, de Ivana Delfino Motta, objetiva “tensionar o organismo institucionalizado das danças no Brasil, apontando operações do racismo como constituinte estrutural que condiciona e normaliza violências de apropriação, exclusão, exotificação, desqualificação e invisibilização de corpos/corpas e epistemologias na área”.

Finalizamos a seção Fluxo Contínuo e o presente número da *Arteriais* com o artigo A LINHA COLONIZADORA: REFLEXÕES SOBRE

O CAVALO NA OBRA “CHARROI DE BOIS DE CHARPENTE” DE DEBRET, de Carla Santana Soares Bulcão. A autora “propõe uma reflexão sobre a representação do cavalo como símbolo de trabalho e subordinação na gravura *Charroi de bois de charpente* (1835), de Jean-Baptiste Debret”, problematizando como as artes visuais podem “expressar e naturalizar uma visão antropocêntrica e utilitarista sobre o corpo equino”.

A equipe da *Arteriais* deseja uma boa leitura!

Denis Bezerra
Editor-chefe